

Sexo?
Vamos mudar
de assunto...

Celso Antunes escreve:
Palavra de Mestre
Sistema de Ensino
Energia

Não. Não vamos mudar de assunto, ainda que muitos pais e muitos professores prefiram fazê-lo. O tema "sexo" constitui complexo "tabu" na cultura ocidental e, por essa razão, não são poucos os que quando sobre o tema são abordados preferem logo desconversar. Mas o sexo faz parte da vida saudável e, bombardeado pela mídia televisiva e com intensa erotização na propaganda da maior parte dos produtos, é impossível fugir do assunto e encará-lo com o contexto natural e saudável, como deve ser compreendido por todos. Assim, portanto, não pretendemos mudar de assunto e, para ir direto ao centro da temática, este pequeno texto busca tratar três aspectos preocupantes da sexualidade de meninos e de meninas, de crianças e de adolescentes. Busquemos, dessa forma, sem crenças ou quase sem preconceitos, mas com preocupação educacional, abordar temas como a masturbação, relação sexual e homossexualismo.

A masturbação deve ser encarada como um incidente biológico natural na vida de todas as pessoas, mas dependendo da forma como é trabalhada no lar e na escola pode também deixar marcas psicológicas e emocionais significativas. Por essa razão, é essencial que renovemos a mentalidade que talvez nos tenham deixado e passemos a encará-la como um elemento que faz parte do crescimento humano e que se manifesta desde a infância. Impossível, diante desse tema, é assumir uma cultura medieval e atribuir à masturbação práticas restritivas, impondo tolices de que ela se identifica com espinhas no rosto ou, pior ainda, com a loucura.

É por esse motivo que os adultos precisam conversar com a criança mostrando sem alarde que existem coisas que podem e que não podem ser feitas em público, e que entre estas se inclui o brincar com os órgãos sexuais. Após uma conversa ampla e sincera, sempre aberta a toda sorte de perguntas, mostre para a criança que a vida pode ser cheia de prazeres no esporte, na escola, nas superações e nas brincadeiras. Tratada com naturalidade, a masturbação na maior parte dos casos expressa singela curiosidade e por isso tende a ser relegada a importância menor, quando a curiosidade diminuir. Conversar muito, conversar sempre, conversar ouvindo e dando atenção e afeto é caminho decisivo e distante da advertência inútil e da punição injustificada.

Outra questão que aparece com frequência, agora na adolescência, é a questão do "ficar" ou "não ficar".

Assumir posição definitiva sobre o tema, liberando ou reprimindo-o, parece sempre ser caminho pior que uma boa e franca conversa sobre o assunto, em um verdadeiro e lento ritual de aproximação em que pais e filhos trocam suas idéias, permitindo que os filhos exponham seus pensamentos e descubram se são autênticos ou se copiados de outros que colheram, ajudando-os assim a edificarem suas referências sobre o que seus colegas pensam sobre o tema e o que "eles" pensam. É uma excelente oportunidade para mostrar que as amizades são importantes, mas que seu preço jamais é assumir a obrigatoriedade da opinião ouvida. Ao sentirem que são ouvidos e que podem opinar com liberdade, os filhos descobrem que seus pais também possuem opiniões, que estas podem ou não ser coincidentes com a dos filhos, mas que é fundamental que saibam conviver e aceitar outras formas de pensar. Em outras palavras, a abertura franca de uma conversa amiga ajuda o jovem acreditar que amigos verdadeiros são todos quantos aceitam a autonomia do pensamento, sem se subordinar a sua alienada aceitação.

Quando nas conversas que se tem ou nos programas que se assiste emerge o tema da virgindade ou do homossexualismo, é sempre importante que se aproveite desses casos reais ou fictícios para uma abordagem lúcida e coerente sobre como aceitá-lo ou não, à luz dos valores familiares. Ser pais "modernos" jamais significa subordinar-se à opinião dos filhos, antes compreendê-la, desde que estejam dispostos a também compreender outras que às suas se opõem.

Um filho ou uma filha não são menos filho ou filha porque agem de maneira diferente do que gostaríamos que agissem. Não se trata de clamar por uma tolerância irrestrita e, menos ainda, curvar à resignação porque "agora os tempos são outros", mas de se assumir que nossos filhos são seres humanos e, como tais, portadores de uma individualidade que é inerente à espécie, e esta jamais aceita que a moldemos à nossa semelhança.

Se chegar a hora de uma revelação ou de uma descoberta, será legítimo o sentimento de tristeza ou desapontamento, mas bem maior que esse sentimento é revelar a dimensão do amor que se tem. Amar de verdade não é "esquecer" ou "resignar-se", mas essencialmente compreender e apoiar.

(Professor Celso Antunes. Especial para o Sistema de Ensino Energia.)